

Representações Sociais do Feminismo para Mulheres

Social Representations of Feminism for Women

Adhele Santiago de Paula¹, Luana Elayne Cunha de Souza², Pollyana de Lucena Moreira³

RESUMO: O objetivo deste estudo foi conhecer as representações sociais de mulheres sobre o movimento feminista. Participaram da pesquisa 512 mulheres que responderam aos seguintes instrumentos: Escala de Identificação Feminista; pergunta sobre a identificação com o movimento e o porquê desta identificação ou não identificação; e questionário sociodemográfico. Os dados foram coletados de forma on-line através da divulgação de um link em redes sociais e aplicativo de troca de mensagens e analisados com auxílio dos softwares Iramuteq e IBM SPSS. A partir dos resultados encontrados, verificou-se que a amostra de participantes se diferenciou em dois grupos: feministas (416) e não feministas (96). As feministas compreendem o movimento feminista como um movimento que luta pela igualdade entre gêneros, pelos direitos das mulheres e pelo fim da sociedade patriarcal. As não feministas também compreendem o movimento da mesma forma, mas evidenciam representações negativas atribuídas ao feminismo. Portanto, percebeu-se que tais representações negativas podem vir a ser prejudiciais ao movimento, podendo também dificultar o avanço da luta feminista.

Palavras-chave: Feminismo, Movimento Feminista, Representações Sociais, Antifeminismo.

ABSTRACT: The aim of this study was to get to know the social representations of women about the feminist movement. A total of 512 women participated in the study and answered the following instruments: Scale of Feminist Identification; question about identification with the feminist movement and why; and sociodemographic survey. The data were collected online on social networks and messaging app, and analyzed in Iramuteq and IBM SPSS softwares. From the obtained results, it was verified that the sample differed into two groups: feminists (416) and not feminists (96). The feminist group understands feminism as a movement that fights for gender equality, for the women rights and for the end of the patriarchal society. The non-feminist group also comprehends the feminist movement in the

¹ Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

² Centro Universitário de Brasília (CEUB)

³ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

same way, but emphasizes negative representations assigned to feminism. Therefore, it was realized that negative representations attributed to feminism are harmful to the movement and may come to impair the progress of the feminist struggle.

Keywords: Feminism, Feminist Movement, Social Representations, Antifeminism.

Introdução

Ao longo da história, principalmente após o surgimento e consolidação do movimento feminista, a definição de ser mulher e de seu papel, bem como o que a caracteriza, vem sendo amplamente debatida e questionada nas sociedades ocidentais. Entretanto, ainda que inúmeros direitos já tenham sido conquistados pelas mulheres no curso da história, a desigualdade entre gêneros continua a ser um problema social na contemporaneidade (Mendes, Vaz & Carvalho, 2015; Swirsky & Angelone, 2014). Esta situação de desigualdade entre homens e mulheres pode ser verificada no Brasil em dados que atestam que as mulheres ainda ganham menos que os homens, ocupam menos cargos gerenciais, estão mais vulneráveis a diferentes tipos de violência e estão menos presentes nos cargos eletivos na política brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2021; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Ipea], 2020; Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP], 2023; International Parliamentary Union [IPU], 2023).

Dessa forma, verifica-se que a desigualdade entre homens e mulheres continua altamente presente em diferentes âmbitos da sociedade brasileira e acarreta graves consequências à vida das mulheres. Isso acontece porque as sociedades ocidentais são organizadas estruturalmente a partir de uma lógica patriarcal e capitalista, que se configura como uma composição social hierárquica na qual o poder está atrelado aos homens, oprimindo, conseqüentemente, as mulheres apenas pelo fato de serem mulheres, estabelecendo, assim, uma hierarquia social pautada na diferença de gênero (Beauvoir, 2019; Nielsson, 2019).

Historicamente, à mulher tem sido atribuída a noção de sexo frágil, submissa ao homem, cuja principal função social seria a reprodução (Beauvoir, 2019; Mendes, Vaz & Carvalho, 2015). Assim, os aspectos da vida privada, como os cuidados com a casa, a criação dos filhos e o compromisso sexual com o marido foram relacionados à figura da mulher, enquanto ao homem foi designado o controle das esferas da vida pública, como instituições econômicas, políticas e de mercado, constituindo, assim, base sólida para justificar uma sociedade engendrada no patriarcalismo e na legitimação da opressão sexista (Federici, 2017). Compreende-se que essa divisão hierárquica da sociedade é pautada no sexismo, ou seja, na manifestação de atitudes preconceituosas e de cunho discriminatório dirigidas às mulheres devido à condição de gênero na qual elas estão categorizadas (Glick & Fiske, 1996; Ferreira, 2004).

Estas questões relacionadas às diferenças entre homens e mulheres acerca da divisão de papéis sociais, bem como as relações de poder estabelecidas entre gêneros, tornou-se pauta do movimento feminista ainda em seu início (Pinto, 2010; Sandenberg, 2018). O movimento feminista, enquanto movimento social, questiona e enfrenta o sistema patriarcal a fim de alcançar a liberdade e a emancipação das mulheres (hooks, 2019). As ações do movimento feminista, no sentido de atingir estes objetivos, podem ser consideradas ações políticas a nível individual e/ou coletivo, e se propõem a modificar a realidade social e a forma como a mulher é percebida e tratada pela sociedade.

Assim, atualmente, o movimento feminista tem desempenhado um papel crucial na mudança dessas relações socialmente estabelecidas, visto que foi a partir das reivindicações das feministas e do conhecimento produzido por elas acerca da situação das mulheres na sociedade que foram conquistados diversos direitos e espaços de fala para as mulheres. A inserção no mercado de trabalho, o acesso à educação, direito ao voto, ao divórcio, o surgimento de métodos contraceptivos e a participação em decisões políticas são alguns

exemplos dos avanços alcançados pelas mulheres desde o advento do movimento feminista (Marques, 2019; Mendes, Vaz & Carvalho, 2015; Nielsson, 2019; Sardenberg, 2018).

Apesar das conquistas e mudanças sociais alcançadas pelo movimento, segundo hooks⁴ (2019), o movimento não erradicou o sistema patriarcal nem o sexismo presente nas relações sociais, portanto, “os ganhos feministas estão sempre em risco” (p. 20). Assim, o feminismo ainda se faz imprescindível para que se alcance a igualdade e a emancipação da mulher e o ativismo político feminino é fundamental para alcançar os objetivos do movimento. É importante ressaltar que o movimento feminista já existe há mais de um século e, apesar disso, a situação de inferioridade das mulheres perdura. Portanto, faz-se necessário questionar por quais motivos isso acontece.

Ao movimento feminista são atribuídas características negativas que podem se configurar como um dos motivos pelos quais inúmeras mulheres não se identificam enquanto feministas (Szymanski, 2004). Pesquisas realizadas no contexto estadunidense (Swirsky & Angelone, 2014) e no contexto brasileiro (Patias et al., 2021) encontraram evidências de que representações negativas associadas ao termo “feminismo” são um dos motivos pelos quais muitas mulheres não se identificam enquanto feministas, ainda que concordem com os objetivos do movimento. Dessa maneira, é relevante investigar quais motivos são utilizados pelas mulheres para justificar a adesão e a não adesão ao movimento feminista com base no que estas compreendem acerca do que é feminismo e das pautas defendidas pelo movimento.

Contextos críticos e geradores de tensão na sociedade influenciam diretamente a alteração e o advento de novas representações sociais, e, em relação ao movimento feminista, não seria diferente. Duran (2012) aponta que, culturalmente, toda sociedade apresenta momentos de atrito, em que o estranho e o não familiar surgem e fazem com que as pessoas o

⁴ Pseudônimo de Gloria Jean Watkins, em homenagem a sua bisavó, grafado em letras minúsculas por desejo da própria autora com o intuito de deslocar o foco da figura autoral para a sua teoria.

transformem em algo familiar e conhecido, logo, nascendo novas representações sociais a partir desse processo.

A teoria das representações sociais (TRS) proposta por Moscovici (2010), apresenta as representações sociais como um sistema de valores, ideias e práticas com as funções de estabelecer uma ordem e proporcionar uma orientação às pessoas em seu mundo material e social, além do controle do mesmo. Além disso as representações sociais possibilitam que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. As representações sociais seriam, assim, engendradas culturalmente, acarretando a necessidade de serem compreendidas social e historicamente (Jodelet, 1989), já que são construídas dinamicamente e dialeticamente nas interações sociais entre indivíduos e grupos (Moscovici, 2010).

A TRS representa uma abordagem relevante na psicologia social pois, no momento em que fenômenos surgem na sociedade, formam-se conhecimentos sobre ele, ancorando-o em algo que já é conhecido e apropriado pelo coletivo e objetificando-o, ou seja, tornando-o concreto e real. Assim, realidades são criadas, mantidas ou transformadas por meio de ações coletivas que sustentam sistemas compartilhados de crenças, significados e expectativas comuns no social (Oliveira & Werba, 2013). Quanto ao caráter de transformação dessa teoria, modificações nas representações sociais de uma realidade podem levar – e frequentemente levam – a mudanças institucionais, ou seja, pode vir a empoderar as minorias sociais a partir da transformação de representações sociais acerca de um grupo estigmatizado (Elcherath Doise & Reicher, 2011).

A partir desta perspectiva teórica assume-se que a noção compartilhada socialmente sobre o movimento feminista consiste em um construto social, histórico e cultural. Portanto, considera-se relevante conhecer o que mulheres pensam sobre o movimento feminista a partir

desse referencial teórico. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral conhecer as representações sociais de mulheres sobre o movimento feminista. Para tanto, foram estabelecidos dois objetivos específicos: a) conhecer o nível de identificação de mulheres com o movimento feminista; e b) conhecer os argumentos favoráveis e contrários das mulheres para se identificarem ou não com o movimento feminista.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 512 mulheres da população geral, abrangendo todas as regiões do Brasil. A faixa etária das participantes variou de 18 a 69 anos ($M = 28,2$; $DP = 9,76$). A maioria das mulheres indicou ser heterossexual (79,1%), solteira (47,7%), branca (48,6%) e católica (40,8%). A maioria das participantes indicou ter Ensino Superior incompleto (46,3%) e ser residente da região Nordeste (88,9%). Quanto à percepção da classe social, verificou-se que a maioria das participantes indicou se perceber como pertencentes à classe média (41,6%). Em relação à orientação política, verificou-se que a maioria das participantes indicou se identificar como de esquerda (64,4%).

Instrumentos

Escala de Identificação Feminista (Szymanski, 2004). Esta escala mensura o nível de identificação das mulheres com o movimento feminista, que é composta por quatro itens (ex. “Eu me considero uma feminista”). Os itens foram respondidos em uma escala Likert de 5 pontos, em que 1 indicava “Discordo totalmente” e 5 indicava “Concordo totalmente”. Após responderem a esta escala, foi solicitado que respondessem, marcando sim ou não, se elas se consideravam feministas e que justificassem a identificação ou não identificação com o movimento feminista.

Questionário Sociodemográfico. Esse questionário teve o objetivo de realizar um levantamento sociodemográfico das participantes, no qual foram abordadas questões relativas

à idade, escolaridade, religião, classe social, cor da pele, região do país onde reside, orientação sexual, estado civil e orientação política.

Procedimentos

Procedimentos Éticos de Coleta de Dados

A pesquisa foi aprovada por um comitê de ética em pesquisa e atendeu a todas as recomendações das Resoluções 466/10 e 510/16 (Parecer nº 3.849.111). Os dados da presente pesquisa foram coletados de forma on-line por meio de divulgação de um link em redes sociais (Twitter e Instagram) e em um aplicativo de troca de mensagens (WhatsApp), que continha os instrumentos da pesquisa. O questionário on-line foi elaborado no *Google Forms*, e em sua primeira página as participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram fornecidas informações sobre os objetivos do estudo, sobre o caráter voluntário da participação e sobre o anonimato e o sigilo das informações pessoais das participantes. Apenas após a indicação de consentimento, as participantes foram direcionadas para as páginas com os instrumentos da pesquisa.

Procedimentos de Análise de dados

Os dados quantitativos foram analisados com o auxílio do IBM SPSS, por meio do qual foram realizadas análises descritivas para caracterização da amostra (média, devido padrão e frequências). Foi realizado também um Teste-*t* de *Student* para amostras independentes com o intuito de verificar as possíveis diferenças nos níveis de identificação com o movimento feministas entre as mulheres que se declaram, na pergunta dicotômica, ser feministas ou não.

O software IRaMuTeQ foi utilizado para a análise dos dados obtidos a partir da pergunta aberta, que consistia na justificativa da identificação ou não identificação com o movimento feminista. Com o auxílio deste software foram realizadas análises de Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Para esta análise, foram elaborados dois

corpora (um para as mulheres que declararam feministas e outro para as mulheres que declaram não ser feministas. Nas linhas de comando de cada corpus foram incluídas informações sobre a identificação das participantes como feminista (feminista ou não feminista) e sobre sua orientação política.

Resultados

Com o objetivo de verificar a quantidade de participantes que se identificaram enquanto feministas foi feito um levantamento de frequências. Por meio desta análise verificou-se que 416 mulheres indicaram se identificar como feministas e 96 mulheres indicaram não se identificar como feministas.

Para verificar o nível de identificação com o feminismo entre as mulheres que se consideraram feministas e as que não se consideraram feministas foi realizado um Teste-*t* para amostras independentes a partir dos escores da Escala de Identificação Feminista. Por meio desse teste, verificou-se que as mulheres que se consideraram feministas apresentaram uma média superior e significativamente diferente ($M = 4,37$; $DP = 0,61$; $t_{(510)} = 25,901$; $p < 0,001$) da média verificada para as mulheres que não se consideraram feministas ($M = 2,34$, $DP = 0,95$).

A partir da constatação de uma diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos de mulheres, verificou-se a viabilidade de se realizar análises separadas para as justificativas sobre a identificação ou não identificação com o movimento feminista. Assim, a partir da divisão da amostra, foram realizadas duas análises de Classificações Hierárquicas Descendentes, uma para o grupo de mulheres que se identificaram como feministas e outra para o grupo daquelas que não se identificaram como feministas.

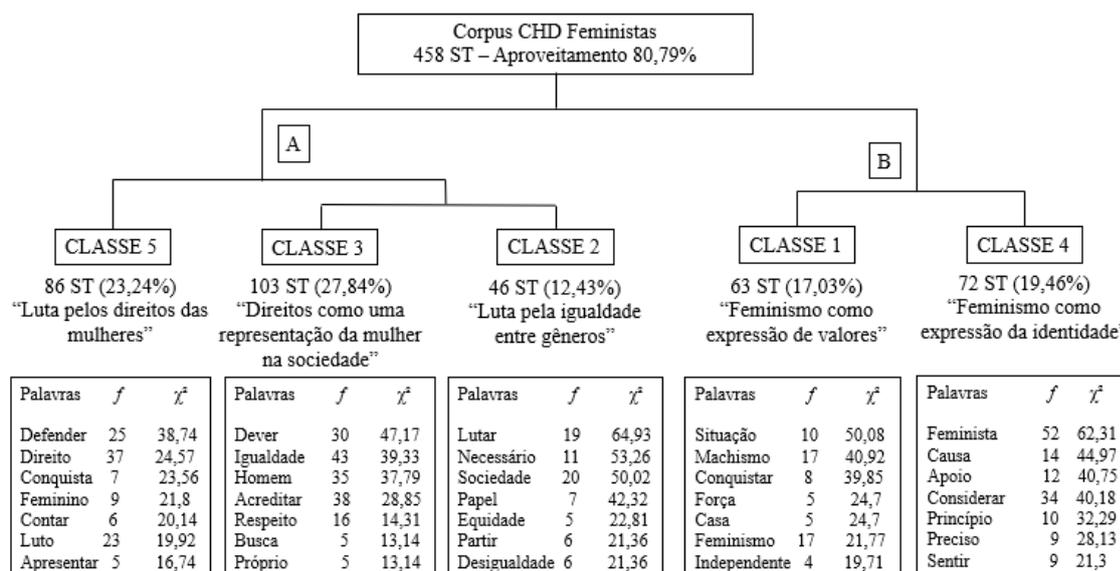
Mulheres Feministas

A Figura 1 apresenta o dendrograma referente à CHD realizada a partir das justificativas sobre a identificação com movimento feminista dadas pelas mulheres que se

identificaram como feministas. O *corpus* utilizado nessa análise foi composto por 416 textos, separados em 458 segmentos de texto (ST), e com aproveitamento de 80,79% (370 ST). Por meio desta análise verificou-se que as respostas desse grupo se organizaram em cinco classes, distribuídas em dois eixos centrais. Classe 1, com 63 ST (17,03%); Classe 2, com 46 ST (12,43%); Classe 3, com 103 ST (27,84%); Classe 4, com 72 ST (19,46%); Classe 5, com 86 ST (23,24%). Essas cinco classes encontram-se divididas em duas ramificações (A e B) do *Corpus* total da análise.

Figura 1

Dendrograma da CHD Realizadas para o Grupo de Feministas



Fonte. Os autores.

O eixo A foi denominado “Reflexões das mulheres sobre o feminismo” e foi composto pela Classe 2 (“Luta pela igualdade entre gêneros”), pela Classe 3 (“Direitos como uma representação da mulher na sociedade”) e pela Classe 5 (“Luta pelos direitos das mulheres”). Verificou-se para o eixo A uma subdivisão em dois eixos secundários, sendo o primeiro composto pela Classe 5 e segundo composto pelas Classes 3 e 2. O eixo B foi denominado “Ações das mulheres enquanto feministas” e é composto pela Classe 1 (“Feminismo como expressão de valores”) e pela Classe 4 (“Feminismo como expressão da identidade”).

O eixo A inclui as reflexões das mulheres sobre o feminismo, suas pautas e a situação social das mulheres, enfatizando a importância das conquistas pelas outras gerações feministas, defendendo a luta por direitos e evidenciando a igualdade entre gêneros enquanto a premissa básica do movimento e de que maneira ela pode ser aplicada em ações.

Na Classe 5, Luta pelos direitos das mulheres, as respostas ressaltaram a importância da luta do feminismo para a conquista dos direitos das mulheres, defendendo, assim, a necessidade do movimento feminista para a população feminina. Entretanto, algumas mulheres ressaltaram que não concordam com os “radicalismos” que envolvem o movimento e salientaram que, apesar de se reconhecerem feministas, preferem não admitir para outras pessoas que são, devido aos estigmas que são associados ao feminismo. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“Feminismo é um movimento político e prático que visa a luta por direitos das mulheres. Tenho plena consciência que foi por conta de outras feministas que lutaram e que morreram que conseguimos ocupar determinados espaços que não ocupávamos antes” (Participante 275, feminista, orientação política à esquerda).

“Me considero de acordo com as ideias gerais do movimento, sendo algumas do radical, mas em maior parte do liberal, mas não me apresento nem uso o termo pelo estigma social” (Participante 244, feminista, orientação política à esquerda).

Na Classe 3, Direitos como uma representação da mulher na sociedade, as mulheres ressaltaram a importância da conquista de direitos pelas outras gerações do movimento feminista e sua influência direta no modo como a mulher é representada socialmente. O feminismo foi apresentado ainda como um meio de alcançar justiça em todos os âmbitos da sociedade. Houve, também, uma comparação entre as situações sociais de homens e de mulheres, com o intuito de afirmar que não há razão para que os homens se encontrem em posição superior na hierarquia social. Por fim, nessa classe houve a afirmação de que os

valores e princípios feministas estão alinhados com os das participantes. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“Só podemos pensar em um mundo justo quando as mulheres forem respeitadas e tiverem acesso às mesmas oportunidades sociais políticas e econômicas que os homens” (Participante 89, feminista, orientação política à esquerda).

“Quando afirmo que sou feminista estou dizendo que quero um mundo mais igualitário para as mulheres, com salários iguais, com oportunidades iguais e deveres iguais” (Participante 253, feminista, orientação política à esquerda).

Na Classe 2, Luta pela igualdade entre gêneros, as respostas apresentaram a concepção de que feminismo representa a busca pela igualdade entre gêneros. As respostas que compuseram essa classe indicaram ainda que as mulheres percebem uma necessidade de luta por meio do movimento por causa das diferenças entre homens e mulheres na sociedade. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“Sou a favor da conquista da mulher por direitos, percebo as diferenças culturais e sociais no trato entre homens e mulheres e faço o possível para que homens e mulheres ao me redor também percebam e juntos possamos agir de modo diferente” (Participante 30, feminista, orientação política ao centro).

“Para mim não deveriam existir diferenças por conta de gênero. A luta do movimento feminista é importante para abrir caminhos e horizontes às mulheres sem discriminação de qualquer espécie. Não temos qualquer diferença física ou mental em comparação ao gênero masculino” (Participante 300, feminista, orientação política à esquerda).

O eixo B inclui respostas que destacaram as ações das mulheres enquanto feministas, ressaltando os valores e princípios do movimento como uma guia para a ação em busca da

mudança social considerando a situação das mulheres e a autoafirmação de ser feminista como expressão de identidade.

Na Classe 1, Feminismo como expressão de valores, as mulheres ressaltaram suas ações pautadas nos princípios feministas e a importância delas para a conscientização das mulheres acerca da necessidade de lutar contra o machismo e o patriarcado. As respostas salientaram, também, a importância das lutas diárias de cada mulher para a mudança da situação social das mulheres na sociedade, destacando o pensamento coletivo. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“É essencial que eu seja feminista em um mundo que as mulheres foram e ainda são subjugadas por gênero. Já conquistamos muito e a luta é para que conquistemos ainda mais” (Participante 184, feminista, orientação política à esquerda).

“Ser mulher atualmente continua sendo difícil, dessa forma vejo no feminismo uma oportunidade de compreender e agir no mundo que existo para que nenhuma mulher ou menina passe por situações que não passariam se tivessem nascido homens” (Participante 378, feminista, orientação política à esquerda).

Na Classe 4, Feminismo como expressão da identidade, houve a reafirmação “sou feminista” na maioria das respostas, ou seja, as mulheres evidenciaram identidades alinhadas com os valores e ideais feministas e às causas e pautas defendidas pelo movimento. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“A partir do momento em que se tem consciência da opressão brutal e diária a que mulheres são submetidas desde o seu nascimento não há como não ser feminista” (Participante 31, feminista, orientação política à esquerda).

“Me considero feminista porque entendo que nós, mulheres, temos que lutar em todos os ambientes sociais para que possamos romper com o machismo e ter o direito à vida, então eu, enquanto mulher, tento sempre levantar as pautas das mulheres em

todos os movimentos que participo e também no meu dia a dia” (Participante 414, feminista, orientação política à esquerda).

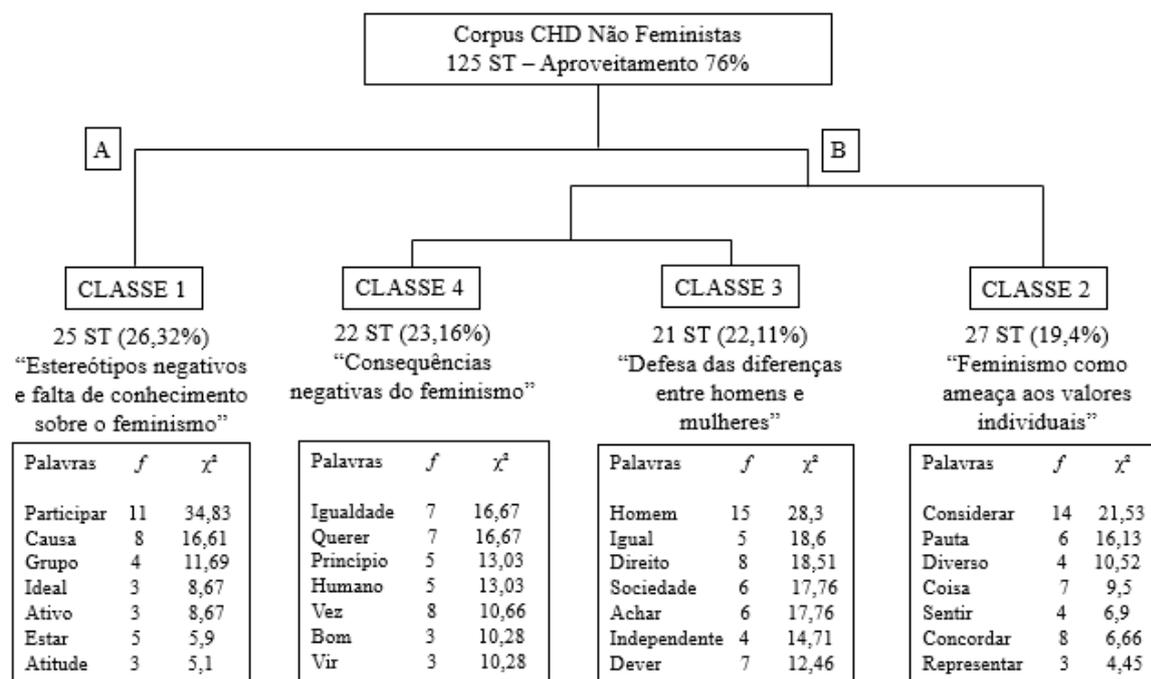
Em relação à ideologia política, a maioria das feministas (73,6%) afirmou possuir posicionamento político de esquerda. Além disso, foi percebido que as feministas também apresentaram ideais e valores igualitários e progressistas nas justificativas de identificação com o movimento, pois, com o objetivo de alcançar a mudança social do *status quo* por meio do combate à desigualdade entre gêneros e à opressão sexista através da luta feminista, orientam suas reflexões e ações, sejam elas individuais ou coletivas, com base nos objetivos do movimento.

Mulheres Não Feministas

A Figura 2 apresenta o dendrograma referente à CHD realizada a partir das justificativas sobre a não identificação como o movimento feminista para as mulheres que não se identificaram como feministas. O *corpus* utilizado nessa análise foi composto por 96 textos, separados em 125 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 76% (95 ST). Por meio desta análise verificou-se que as respostas desse grupo se organizaram em quatro classes, distribuídas em dois eixos centrais. Classe 1, com 25 ST (26,32%); Classe 2, com 27 ST (19,4%); Classe 3, com 21 ST (22,11%); Classe 4, com 22 ST (23,16%). Essas quatro classes encontram-se divididas em duas ramificações (A e B) do *Corpus* total da análise.

Figura 2

Dendrograma da CHD Realizada para o Grupo de Não Feministas



Fonte. Os autores.

O eixo A foi denominado de “Representações negativas sobre o feminismo” e foi composto pela Classe 1 (“Estereótipos e conhecimento sobre o feminismo”). O eixo B foi denominado de “Consequências pessoais e implicações sociais do feminismo” e foi composto pela Classe 2 (“Feminismo como ameaça aos valores individuais”), pela Classe 3 (“Defesa das diferenças entre homens e mulheres”) e pela Classe 4 (“Consequências negativas do feminismo”). Verificou-se no eixo B uma subdivisão em dois eixos secundários, sendo o primeiro composto pelas Classes 3 e 4 e o segundo pela Classe 2.

O eixo A inclui respostas que destacam percepções e representações negativas relacionados ao feminismo e suas práticas por parte das mulheres que não se identificaram com o movimento feminista. As respostas ressaltaram a discordância com o radicalismo de algumas práticas e apontaram a desorganização e a incoerência do movimento feminista.

Na Classe 1, Estereótipos negativos e falta de conhecimento sobre o feminismo, as respostas das participantes envolveram representações e estereótipos negativos associados ao feminismo, à falta de engajamento por parte dessas mulheres em relação às pautas da luta

feminista, e à falta de conhecimento sobre o que envolve o movimento. Essas mulheres percebem o feminismo como incoerente, pouco estruturado e como um movimento que tende ao radicalismo, o que finda por afastá-las do movimento. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“Um movimento sem estrutura e significado concreto não é confiável, resultante em uma gama de opiniões e atitudes conflitantes e incoerentes com o propósito do grupo social” (Participante 29, não feminista, orientação política à direita).

“Por ser um movimento contraditório, mentiroso e intolerante” (Participante 45, não feminista, orientação política à direita).

O eixo B inclui respostas que ressaltaram as consequências desencadeadas pelo movimento feminista, alegando que a luta pela igualdade entre gêneros impulsionou um desequilíbrio na sociedade, além disso, apontaram que o feminismo degrada a figura feminina, destrói a família e corrompe valores morais e conservadores. Portanto, há, por parte dessas mulheres, a crença de que homens e mulheres possuem diferenças em sua essência e que a igualdade entre os dois grupos não pode ser alcançada e não deve ser almejada. Verificou-se ainda a defesa de que homens e mulheres possuem papéis sociais diferentes entre si e importantes a serem desempenhados socialmente a partir de suas diferenças.

Na Classe 4, Consequências negativas do feminismo, as respostas apresentaram as consequências e prejuízos sociais ocasionados pelo movimento feminista e suas pautas. Como explanado em algumas respostas, ainda que no princípio o feminismo tenha sido algo benéfico para as mulheres, atualmente, segundo as participantes, o movimento não se configura mais desta forma, pois, ao invés de promover a igualdade entre gêneros, acentua a desigualdade entre homens e mulheres devido às formas de luta e reivindicação. Além disso, foram apresentados ainda julgamentos sobre a hipocrisia e incoerência do movimento. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“A igualdade entre homens e mulheres gerou um desequilíbrio na sociedade como um todo, se a princípio direitos básicos foram conquistados com sangue e suor, hoje a igualdade faz com que a mulher tenha a obrigação de sair para trabalhar e muitas vezes sustentar a família, a obrigação de dividir a conta, a obrigação de entrar em profissões em que biologicamente homens são mais capazes de executar” (Participante 33, não feminista, orientação política ao centro).

“É um movimento que na verdade só afirma o desprezo que sentem por serem mulheres e colocam o homem como um deus a ser imitado, além de darem margem a uma guerra dos sexos, destruição da família e dos valores morais” (Participante 61, não feminista, orientação política à direita).

As respostas que compuseram a Classe 3, Defesa das diferenças entre homens e mulheres, apresentaram a defesa de valores morais e da ideia de que homens e mulheres não são iguais, acentuaram suas diferenças biológicas e a necessidade da divisão de papéis sociais. Nestas respostas verificou-se a defesa de que a igualdade entre gêneros não deve ser almejada, uma vez que não traria qualquer benefício para a sociedade. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“O movimento feminista não me representa como mulher. Não somos iguais aos homens e nem devemos ser, cada um tem seu papel essencial e insubstituível na sociedade” (Participante 61, não feminista, orientação política à direita).

“Eu acredito que o homem e a mulher têm suas particularidades que os fazem únicos e não vejo o menor sentido em querer fazer com que tenhamos direitos iguais, além disso, os métodos do feminismo são equivocados e agressivos” (Participante 68, não feminista, orientação política à direita).

Na classe 2, Feminismo como ameaça aos valores individuais, as respostas apresentaram como as participantes percebem o feminismo nas suas vidas, sendo possível

verificar que para elas o feminismo representa uma ameaça aos seus valores morais, além de apontar divergências com determinadas pautas difundidas no movimento. Isso pode ser observado nos seguintes exemplos:

“Me considero mulher que tenho empoderamento e não esse tipo comunista que desvaloriza totalmente o ser feminista, por exemplo o que a mídia retrata mulheres fazendo sexo nas igrejas nuas nas passeatas, isso é desvalorizar o ser feminista”

(Participante 82, não feminista, orientação política à direita).

“Como posso apoiar um movimento criado por homens maus defendido por mulheres tolas? O feminismo é apenas uma ferramenta de tirar o real sentido de ser mulher”

(Participante 32, não feminista, orientação política ao centro).

No que tange à orientação política, a maioria das mulheres não feministas indicaram possuir posicionamento político ao centro (49%), entretanto, nas justificativas da não identificação com o movimento, verificou-se que houve mulheres que apresentaram argumentos com viés igualitário e outras que apresentaram argumentos com viés conservador. As participantes deste grupo com posicionamento político mais igualitário, apesar de não se identificarem com o movimento, manifestaram a importância do alcance da igualdade social de gênero e de outros objetivos do movimento feminista. Em contrapartida, as mulheres com posicionamento político mais conservador evidenciaram seus posicionamentos contrários em relação ao feminismo e às suas pautas de luta.

Discussão

Por meio dos resultados do presente estudo foi possível compreender as razões pelas quais as mulheres se identificam ou não enquanto feministas e quais as razões pela adesão ou não ao movimento feminista. Para as mulheres que indicaram se identificar como feministas, a identificação com o movimento envolve a compreensão deste como estando voltado para a luta pela igualdade entre gêneros, por direitos, liberdade e empoderamento das mulheres.

Além disso as justificativas para essa identificação tiveram como base as pautas e valores feministas expressos nas ações promovidas pelo grupo e na legitimação da necessidade da luta feminista. Das cinco classes verificadas por meio da CHD realizada para este grupo, três classes (classes 5, 3 e 2) apresentam a importância da luta pelos direitos das mulheres e como a conquistas desses direitos influencia a representação da mulher na sociedade. As duas classes restantes (classes 1 e 4) destacaram as ações pautadas nos valores e ideais feministas e a expressão da identidade feminista.

Além da adesão ao movimento em face da luta pela conquista e defesa dos direitos das mulheres, principalmente em relação à igualdade social de gênero, as mulheres que se identificaram como feministas ressaltaram a mudança da representação da mulher na sociedade desde o advento do feminismo, enfatizando a necessidade do movimento para a população feminina. Além disso, algumas participantes justificaram que são feministas em razão das suas ações políticas, que estão pautada em princípios e valores feministas. Notou-se também uma tendência à autoafirmação “sou feminista” na classe 4, evidenciando, assim, o feminismo como uma expressão da identidade das participantes.

Em diferentes justificativas, foi ressaltado pelas mulheres deste grupo que, ao perceberem determinadas situações as quais elas ou outras mulheres eram submetidas apenas por serem mulheres como injustas, viram-se inclinadas a lutar pela transformação das relações sociais pautadas na hierarquia de gênero. Portanto, passaram a se identificar enquanto feministas a partir da percepção de injustiças às quais eram alvo. Um resultado semelhante foi encontrado por Flores et al. (2018). No estudo em questão as autoras verificaram que a teoria feminista aliada com a experiência pessoal de mulheres é de suma importância para fomentar a identificação com as pautas feministas (Flores et al., 2018).

A percepção de injustiça, por meio da privação relativa, já havia sido mencionada por Tajfel (1981) e outros autores (Moreira et al., 2019) como um fator essencial para a formação

de grupos, para a consolidação de uma identidade social e para a organização de ações políticas voltadas para mudar as condições do grupo na sociedade, e essa relação teórica pode ser verificada no presente estudo. As feministas, que apresentaram posicionamentos políticos com viés igualitário, identificam-se com o grupo e com movimento a partir da compreensão de que as relações sociais de gênero, que estão socialmente estabelecidas, são injustas e pautadas em uma hierarquia social patriarcal. A inconformidade com a situação das mulheres e a desigualdade social entre gêneros motivou essas mulheres a buscarem uma forma de transformar o sistema social vigente. O movimento feminista representaria, então, a maneira que essas mulheres encontraram para lutar pelos direitos do seu grupo, para combater a opressão sexista e mudar o *status quo*, evidenciando, assim, que possuem ideologia igualitária e valores e ideais progressistas.

Nas respostas de algumas mulheres não feministas, percebe-se que apesar de haver uma compreensão de que o feminismo é um movimento de luta pela causa das mulheres, houve um destaque para representações negativas atribuídas ao movimento e às feministas, que classificam as ações feministas como prejudiciais à sociedade e à figura feminina de um modo geral; e a afirmação de uma discordância, ou não defesa, das pautas e objetivos do feminismo, a partir destas representações. Essa conclusão referente ao grupo de mulheres não feministas corrobora os resultados Swirsky e Angelone (2014), que verificaram que os estereótipos negativos associados ao feminismo e às mulheres feministas se qualificam como uma das principais razões pelas quais muitas mulheres não se identificam enquanto feministas.

Assim, as justificativas das mulheres que não se identificaram como feministas possibilitaram compreender como o feminismo é assimilado por esse grupo. Das quatro classes, a primeira (classe 1) expressou os estereótipos negativos e os estigmas que são atribuídos ao feminismo pelas mulheres não feministas, como o radicalismo e o extremismo

que percebem nas ações do movimento. Nas outras três classes (classes 3, 5, 2), as mulheres dissertaram sobre as consequências negativas do feminismo (p. ex. a luta pela igualdade causou um desequilíbrio na sociedade), defenderam as diferenças entre homens e mulheres como fator essencial para o funcionamento da sociedade, endossando a hierarquia de gênero, e apontaram o movimento como uma ameaça a seus valores individuais. Ressalta-se ainda a existência de uma diferença qualitativa na composição deste grupo com mulheres que, mesmo não se identificando enquanto feministas, apresentaram ideais igualitários e com mulheres que apresentaram ideais contrários ao movimento, evidenciando valores mais tradicionais e conservadores.

As justificativas dadas pelas não feministas que apresentaram valores igualitários dissertaram acerca da importância que elas davam à luta pela igualdade de gênero, mas não se identificavam enquanto feministas por não concordar com as ações do movimento e/ou pelos estereótipos negativos que a sociedade atribui ao feminismo e às mulheres feministas. Essa relação entre não identificação com o movimento feminista e a defesa de valores igualitários verificada no presente estudo, foi verificada também por Yeung et al. (2014). Estas autoras justificam essa relação a partir da necessidade ou tentativa dessas mulheres de evitar que os estigmas e estereótipos negativos relacionados ao feminismo sejam associados a elas, ainda que possuam ideologia igualitária e apoiem as mudanças propostas pelo movimento em favor da igualdade. Por outro lado, as justificativas das mulheres que apresentaram ideais conservadores e tradicionais ressaltavam os prejuízos sociais que o feminismo trouxe à sociedade ao longo de sua existência. Além disso, a não identificação com as pautas de luta do movimento se justificou pelo endosso às diferenças entre homens e mulheres, destacando que a igualdade entre gêneros não traria qualquer benefício para a sociedade e que o feminismo representa uma ameaça para a sociedade como um todo, pois, ao longo da sua história de luta, trouxe desequilíbrios para o funcionamento social.

Para além do peso dos estereótipos negativos associados ao movimento e às mulheres que lutam neste, no estudo realizado por Swirsky e Angelone (2014) também foram verificadas justificativas semelhantes às encontradas no presente estudo. Os argumentos citados pelas participantes da presente pesquisa que não se identificaram enquanto feministas envolveram crenças como “o feminismo está destruindo a sociedade”, “feministas querem supremacia feminina, não igualdade”, o endossa à papéis de diferenciação de gênero, a incongruência do movimento com os valores morais individuais e, até mesmo, a crença de que a igualdade entre homens e mulheres já foi alcançada, evidenciando o feminismo como desnecessário.

De acordo com Crusmac (2017), as representações sociais atuais do feminismo para grupos antifeministas partem de estereótipos negativos associados ao movimento desde os anos 1980, durante a segunda onda do movimento feminista, por exemplo, “a ideologia feminista demoniza os homens”, “feminismo busca privilégios e supremacia feminina”. Além disso, a autora ressalta a crença entre grupos antifeministas de que as mulheres feministas e o movimento em si são ameaças aos papéis tradicionais de gênero, à família e à feminilidade, bem como incita a promiscuidade de mulheres. A compreensão do movimento a partir das representações sociais negativas promove o ódio e a ridicularização da luta feminista não apenas por homens, mas também por mulheres com posicionamentos aversivos ao feminismo (Ferreira et al., 2022).

Declarar-se feminista acarretaria consequências sociais que podem vir a ser prejudiciais, devido às representações negativas atribuídas ao movimento e às mulheres que fazem parte dele. Apenas dizer que estão em concordância com determinados ideais feministas, mas que não são, de fato, parte do movimento não acarreta os prejuízos que sofreriam se assumissem de forma explícita que são feministas (Yeung et al., 2014). Para hooks (2019), muitas mulheres que são beneficiadas de alguma forma a partir das ações e

conquistas do movimento não querem ser vistas como feministas, podendo até mesmo criar outras denominações para manifestar suas preocupações com as questões das mulheres ao invés de se denominar feminista. Na presente pesquisa, algumas participantes declararam em suas respostas que não se consideravam feministas, mas queriam igualdade, pois, acima de tudo, se consideravam seres humanos.

Em um estudo qualitativo realizado por Ferreira et al. (2022) acerca das representações sociais do feminismo para brasileiros e brasileiras, os autores encontram resultados semelhantes aos apresentados no presente trabalho. Na CHD apresentada no estudo em questão, o *corpus* foi dividido em dois eixos principais: o primeiro, referido aos estereótipos negativos e percepções conflituosas do movimento, contendo uma classe; e o segundo, referido a apreensão do significado do movimento feminista e dos seus objetivos de luta, contendo três classes. Assim como foi verificado na presente pesquisa, a maioria dos participantes demonstrou um bom entendimento acerca dos objetivos do movimento e a importância deste para o alcance da igualdade entre gêneros. Porém, para os participantes que apresentaram visões acerca do feminismo com base nos estereótipos negativos, os Ferreira et al. (2022) enfatizaram que a deturpação do movimento e a disseminação dos estereótipos negativos do feminismo acarretam prejuízos para o avanço da luta feminista.

Além disso, ainda no contexto brasileiro, Patias et al. (2021) verificaram que pessoas mais velhas e com valores mais conservadores avaliam melhor mulheres que não se identificam enquanto feministas que outras mulheres que se identificam como parte do movimento. Dessa forma, ressaltando a maneira como a representação social negativa sobre o feminismo atua como obstáculo no avanço da luta feminista no país. No contexto argentino, principalmente no momento em que o país estava mais dividido acerca da votação sobre a legalização do aborto, Alonso e Brussino (2021) encontraram que os posicionamentos acerca da interrupção voluntária da gravidez estavam diretamente relacionados às representações

sociais do feminismo. As autoras verificaram que pessoas a favor da legalização do aborto apresentaram representações sociais positivas acerca do movimento feminista e evidenciaram conhecimento e identificação das reivindicações políticas do feminismo, bem como aproximação dos valores individuais com os objetivos da luta feminista. Em contrapartida, pessoas contra a legalização do aborto apresentaram representações sociais negativas sobre o feminismo e justificaram o posicionamento contrário com desqualificações ao movimento e insultos às feministas, além de apresentarem emoções negativas nas suas respostas. Desse modo, as autoras enfatizaram a existência de duas categorias de representações sociais, uma positiva e uma negativa, opostas entre si e que são sustentadas e perpetuadas por grupos sociais diferentes.

Conclui-se que as mulheres não feministas não se identificam com o movimento por diferentes razões, como o receio de sofrer com os estereótipos e estigmas associados ao feminismo ou por defender que a luta feminista não é necessária e que traz consequências e desequilíbrio para a sociedade. Ainda que se perceba a desigualdade como prejudicial para as mulheres, as não feministas com valores igualitários, apesar de apoiarem as pautas, não conseguem se associar ao movimento, enquanto as mulheres com uma identificação antifeministas endossam e legitimam o sistema com base em seus valores conservadores, pois não reconhecem o feminismo como benéfico para as mulheres. Em contrapartida, as mulheres feministas apresentaram argumentos para sua identificação que se sustentam tanto na aproximação dos valores e das pautas feministas com a dimensão individual de cada uma, bem como com base nas suas experiências pessoais de ser mulher na sociedade.

Partindo do pressuposto que o feminismo desperta opiniões divergentes na população feminina e que a desigualdade de gênero ainda é um problema social, esta pesquisa se propôs a investigar as representações sociais do movimento feminista para as mulheres, refletindo sobre as consequências que tais representações podem acarretar para o avanço da luta

feminista. Diante dos resultados, foi possível compreender de que forma essas representações atuam na sociedade e como pode influenciar, positiva ou negativamente, a luta feminista.

Apesar das diferenças entre as representações sociais de ambos os grupos, a amostra geral foi composta majoritariamente por mulheres que se consideraram feministas, portanto, um aspecto limitador para a presente pesquisa foi a ausência de mais mulheres não feministas na amostra. Em relação às possibilidades futuras, mostra-se crucial equilibrar a amostra quanto ao número de participantes por grupo, de modo a torná-la mais representativa da população geral.

Referências

- Alonso, D., & Brussino, S. (2021). Abortion Legalization and Social Representations of Feminism in Argentina. *Papers on Social Representations*, 30(2), 1-23.
<https://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/592>
- Beauvoir, S. (2019). *O segundo sexo: fatos e mitos* (S. Milliet, Trad., 5ª ed.). Nova Fronteira (Obra original publicada em 1949).
- Crusmac, O. (2017). The Social Representation of Feminism within the on-line Movement “Women Against Feminism”. *Romanian Journal of Communication and Public Relations*, 19(1), 5-25. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3326072
- Duran, M. C. G. (2012). Representações sociais: uma instigante leitura com Moscovici, Jodelet, Marková e Jovchelovitch. *Educação & Linguagem*, 15(25), 228-243. <https://doi.org/10.15603/2176-1043/el.v15n25p228-243>
- Elcheroth, G., Doise, W., & Reicher, S. (2011). On the Knowledge of Politics and the Politics of Knowledge: How a Social Representations Approach Helps Us Rethink the Subject of Political Psychology. *Political Psychology*, 32(5), 729-758.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2011.00834.x>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Federici, S. (2017). *O calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação* (Coletivo Sycorax, Trad. 1ª ed.). Elefante. (Obra original publicada em 2004).
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: interrelações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia*, 12(21), 119-126.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2004000200004

Ferreira, T. S., Cúnico, S. D., Prata-Ferreira, P. A., Gaspodini, I. B., & Patias, N. D. (2022).

“O que é feminismo?” Percepções de adultas/os brasileiras/os. *Research, Society and Development*, 11(7). <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i7.29697>

Flores, P., Gómez, N. R., Roa, A. F., & Whitson, R. (2018). Reviving feminism through social media: from the classroom to online and offline public spaces. *Gender and Education*, 32(6), 751-766. <https://doi.org/10.1080/09540253.2018.1513454>

Glick, P. & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>

hooks, b. (2019). *Teoria feminista: da margem ao centro*. Perspectiva. (Obra original publicada em 1984).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil* (Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica, n. 38). IBGE.

Inter-Parliamentary Union (2023). *Global data on national parliaments: percentage of women in national parliaments*. <https://data.ipu.org/women-ranking?month=3&year=2020>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Org.) (2020). *Atlas da Violência*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>

Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. Presses Universitaires de France. <https://doi.org/10.3917/puf.jodel.2003.01.0045>

Marques, T. C. N. (2019). *O voto feminino no Brasil*. Brasília, Câmara dos Deputados, Edições Câmara. <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4798>

- Mendes, R. S., Vaz, B. J. O., & Carvalho, A. F. (2015). O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. *Gênero e Direito*, 1(3), 88-99.
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/index>.
- Moreira, P. L. & Rique, J. (2019). Julgamento moral e posicionamento político-ideológico de jovens brasileiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(1), 54-67.
<https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i1p.54-67>
- Moscovici, S. (2010). *Representações sociais: investigações em psicologia social* (P. A. Guareschi, Trad., 7ª ed.). Vozes (Obra original publicada em 2000).
- Nielsson, J. G. (2019). Teoria feminista e ação política: repensando a justiça feminista no Brasil na busca pela concretização de direitos. *Direito, Sociedade e Cultura*, 20(2), 165-192. <https://doi.org/10.18759/rdgf.v20i2.1031>.
- Oliveira, F. O., & Werba, G. C. (2013). Representações Sociais. In Jacques, M. G. C., Strey, M. N., Bernardes, M. G., Guareschi, P. A., Carlos, S. A., & Fonseca, T. M. G. (Eds.). *Psicologia Social Contemporânea*. (10ª ed., pp. 104 – 117). Vozes.
- Patias, N. D., Ferreira, T. S., Gaspodini, I. B., Prata-Ferreira, P. A., & Freitas, C. P. P. (2021). Representações sociais sobre feminismo em brasileiros. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(1), 156-174. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59378>
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, História e Poder. *Revista de Sociologia Política*, 11(2), 15-20. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>
- Sardenberg, C. M. B. (2018). O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inclusão Social*, 11(2), 15-29.
<https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106>
- Swirsky, J. M., & Angelone, D. J. (2014). Femi-Nazis and Bra Burning Crazyes: a qualitative evaluation of contemporary beliefs about feminism. *Current Psychology*, 33(1), 229-245. <https://doi.org/10.1007/s12144-014-9208-7>

Szymanski, D. M. (2004). Relations Among Dimensions of Feminism and Internalized

Heterosexism in Lesbians and Bisexual Women. *Sex Roles: A Journal of Research*,

51(3-4), 145-159. <https://doi.org/10.1023/B:SERS.0000037759.33014.55>.

Tajfel, H. (1981). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*. Lisboa Livros.

Yeung, A. W., Kay, A. C., & Peach, J. M. (2014) Anti-feminist backlash: The role of system

justification in the rejection of feminism. *Group Processes & Intergroup Relations*,

7(1), 1-11. <https://doi.org/10.1177/1368430213514121>